

## JUVENTUDES EM SEMINÁRIOS DO CET 2005- 2006 - 2007

**Juventudes** foi o tema central do **Seminário de 2005**. Como primeiro passo, as escolas colocaram em comum suas respectivas questões e preocupações no trabalho com os jovens. Para contribuir no debate do tema, o CET convidou Helena Abramo do Instituto de Cidadania e Regina Novaes da Secretaria Nacional de Juventude.

### Fala de Helena Abramo

A respeito de juventude, são muitas as perguntas que se põem. O que é a juventude hoje? Quem são os jovens? O que a sociedade atual entende por juventude? Como os jovens se colocam?

Vivemos num momento muito especial para esse tema da juventude. Nunca se debateu tanto, inclusive tendo em vista a formulação de políticas públicas voltadas para a juventude. Os jovens sempre tiveram presença forte em nossa sociedade, mas de modos diferentes. Especialmente do século XIX para cá tem ocorrido muita variação.

Mas que jovens são esses? Que jovens são valorizados? ou não? Tudo isso tem mudado muito ao longo do tempo.

De fato, não há uma essência dada, desde sempre, do que seja a juventude. É uma categoria histórica e socialmente construída. E, por isso, podemos acompanhar as últimas mudanças. O que é o jovem?

. Em nossa sociedade, até os anos 60, 70, viver a juventude era privilégio das classes burguesas. Os jovens trabalhadores mal eram identificados como jovens. Para os pais trabalhadores, entrar no trabalho era a realização da juventude.

Com o alargamento da escolaridade, isso foi mudando. A figura do jovem era, por excelência, a do estudante. Então, a luta era para que os filhos das classes trabalhadoras também tivessem oportunidade de estudar. Não deviam entrar tão rapidamente no mundo do trabalho. O que, para as famílias dos trabalhadores, também era um problema. Mas, aos poucos, cada vez mais jovens vão entrando no sistema escolar. De tal modo que, nos anos 60, 70, o funil de quantos tendo completado o curso primário chegam ao ensino médio e, destes, quantos conseguem entrar na Universidade, passa a ser um tema político.

. Antes, o que os estudantes da classe média faziam era considerado como contra-cultura. Já, para os jovens das classes populares, isso era tido como cultura negativa, como jovens "em desvio". A atenção do Estado se bifurcava: para um lado, as políticas de educação; para o outro, as políticas de punição dos jovens em desvio. Jovens que se desviam do mundo do trabalho ou, quando a família não dá conta, ficam abandonados ou nas ruas, são considerados delinqüentes. Assim, a delinqüência e a criminalização dos jovens das classes populares é um tema que veio crescendo de lá para cá.

Portanto, essas são as figuras; essa é a concepção. Daí é que vem a luta pela ampliação do tempo de juventude. O trabalho sempre apareceu como a negação da juventude. Como conciliar estudo e trabalho? Como alargar essas condições? Entre nós, só nos anos 70 é que isso começa a mudar: só aí se começa a falar em estudo e trabalho juntos. Assim, a inserção ocupacional e as mudanças no mundo do trabalho vão acabar provocando mudanças profundas na juventude.

. Nos anos 70, na época do “milagre econômico”, vai haver certa folga para as famílias dos trabalhadores. E, então, os jovens passaram a poder gastar um pouco mais consigo mesmos. É nessa época que a indústria fonográfica vai começar a subir. É importante notar que, naqueles anos, é a música negra norte-americana que é a mais vendida. Foi quando se montaram, nos bairros populares, os espaços de diversão baratos, os bailes de periferia e novas identidades culturais, como o black rio, o black partim e outras. Aos poucos, vão surgindo diversas caras juvenis, como o punk, em 77, 78. O funk no Rio e o hip-hop em São Paulo. Todos eles mostram que, no Brasil, a juventude mudou muito.

Não dá mais para falar de juventude como sendo só aquela das classes médias e altas . Os jovens se identificam com os jovens e se vive a juventude em todos os lugares do Brasil. Algumas questões perpassam todas as áreas e regiões. Outras não, se diferenciam. O que é muito importante de se conhecer para poder pensar as políticas: o que é desrespeito à juventude? Quais os direitos? Quais as questões gerais dessa geração e quais as que se diferenciam e que traduzem a diversidade? Quais questões traduzem o presente?

. Primeiro, a vida juvenil tem muitas dimensões: não é só a do estudo, ainda que ela seja fundamental como tempo de preparação e de estudo. Mas não é a única dimensão: o estudo não esgota o que é ser jovem.

Além dele, tem a dimensão do trabalho: e não é mais só uma dimensão negativa não. Entre 15 e 24 anos, 62% estão na escola e 76% estão no mercado de trabalho. O trabalho é uma experiência constitutiva da vida da grande maioria. Portanto, o trabalho não é mais considerado como negativo. Não se pode mais dizer que o trabalho é sinônimo de deixar de viver a juventude. Não é mais um par de oposição.

Também tem a diversão, que é vivida como experiência fundamental, para a qual se investe tempo, dinheiro e energia, mesmo quando se trabalha a semana inteira. Diversão é um direito difícil de ser exercido, porque exige dinheiro.

Outra questão é a da sexualidade que, hoje, é vivenciada pelos jovens. O exercício da sexualidade põe questões para a saúde dos jovens. Também na área da medicina se pensa a questão da saúde de adolescentes e jovens.

Assim, são múltiplas as dimensões; não mais o estudo como a única. Também são muitas as maneiras de viver a juventude.

. Portanto, não existe mais uma instituição da qual se possa dizer que seja a instituição ou o lugar da juventude. Não é como a criança de quem se diz que “lugar de criança é na escola”. Para o jovem não dá. O lugar do jovem é em todos os lugares.

Hoje, tem muitas outras figuras juvenis. Hoje é muito maior a diversidade de personagens juvenis. São diversos grupos culturais, religiosos, juventude do MST, do hip-hop, etc. São várias figuras que aparecem como jovens e dizem de sua condição juvenil.

Sempre teve jovens no mundo do trabalho, mas, antes, eles não falavam de sua condição juvenil. Hoje, eles trazem as suas questões; do mundo do trabalho e de todas as outras áreas. Porque, como jovens, eles têm questões que são específicas deles e que são vividas no interior de seu grupo.

. Antes, a trajetória era linear: criança, escola, namoro, noivado, casamento, filhos... Hoje, essa linearidade desapareceu. Muitas vezes, os filhos vêm até antes. A linearidade está alterada. As questões são outras. A inserção é outra. E a preocupação com a inserção no mundo do trabalho ganha peso maior sobretudo porque, hoje, ela é difícil.

Na pesquisa que fizemos, o trabalho perpassa todas as preocupações dos jovens. A preocupação com o trabalho é maior ainda do que com a violência. O trabalho é que aparece em primeira instância. E o medo de não ter trabalho. O trabalho é sentido como o jeito de estar no mundo e a sua falta é a primeira grande questão e que é vivida como profunda angústia.

Às perguntas sobre que assuntos mais interessam, a resposta majoritária é 'trabalho' junto com 'educação'. Quando se pergunta: 'sobre o que se quer discutir?' A resposta é: 'trabalho'. 'Se você pudesse mudar o mundo? E 'qual é o problema principal do Brasil?' 'Trabalho'. 'O mundo vai melhorar? O Brasil vai melhorar? A sua vida vai melhorar?' A resposta é: 'sim, porque vou estar trabalhando.' 'O que eu vou fazer como trabalho?' Aí, a resposta é a perplexidade: quase ninguém sabe o que responder. E essa reação é a mesma para todas as classes sociais, caindo um pouco só na última faixa.

. Diversão é sociabilidade, é cultura, é circulação, é sair do ambiente do trabalho, do bairro, é ir atrás de novas referências. Na atual cultura de massas, a música ocupa um papel central. É um espaço de construção das referências que marcam as identidades pessoal e coletiva.

. Não quer dizer que seja menos importante a diversão para adolescentes e crianças. Mas é especial na juventude. E tem acontecido coisas muito interessantes, como o *hip-hop*, por exemplo. Ou os *punks*, que foram os primeiros a falar em desemprego quando a gente nem se preocupava com isso.

Sobre Crianças e Adolescentes, estamos ainda num momento de construção. Será que a adolescência acaba mesmo na juventude? Será que existe adolescência? Faz sentido?

O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) foi sem dúvida um processo muito criativo, de criação de novos direitos. Mas as questões dos jovens não estão ainda sendo respondidas, nem mesmo pelas políticas gerais. Tem um buraco. E quem está respondendo a isso?

### **Regina Novaes fala sobre a Política Nacional de Juventude**

. Que tempo é esse da "passagem" da juventude? Como passar esse tempo da juventude? Hoje, este é um tema internacional. Ora, se mudou a forma capitalista de produzir, mudou junto a juventude e a equação *escola e trabalho*, o casamento entre o trabalho e a educação. Com um diferencial: essa é uma questão para todos. Também para o Estado.

. A Secretaria Nacional de Juventude está ligada a um programa: Programa Nacional de Inclusão da Juventude – o ProJovem.

Regina fez uma apresentação pormenorizada desse Programa - seus objetivos, modalidades e metodologias – seguida de perguntas do plenário do Seminário, de debates e de novas informações.

A partir das discussões com Helena e Regina foram levantadas

### **Questões para discussão em grupos**

1. Quais os movimentos da juventude que estamos fortalecendo enquanto movimentos sociais e não como programas de governo?

2. Como trabalhar com as múltiplas juventudes – metodologias atreladas aos financiadores X as nossas metodologias?
3. Nossa metodologia voltada para o trabalho, as mudanças do trabalho e as repercussões para as juventudes.

### **Principais colocações dos grupos**

. Necessidade de estarmos sensibilizados para perceber o que os jovens estão nos falando, o que estão fazendo e dizendo e que deixamos passar. Exemplo: a questão da cultura, da diversão que, para a garotada, tem um sentido que muitas vezes não percebemos.

Se queremos trabalhar com a juventude temos que estar com as antenas ligadas.

. É preciso acabar com essa visão de que o jovem é incapaz, é um coitado, um vulnerável. E que a gente é que tem que ir lá para ajudar. Nossa intervenção até que é necessária sim, mas como parceiros, para a gente compreender aquela violência, as suas reações; e descobrir modos de como fazer juntos. Esta visão de coitadinho nos identifica com qualquer organização assistencial e não como escola de trabalhadores.

. Atenção: apesar de estarmos discutindo juventude, como escola de trabalhadores temos que ter cuidado também com as crianças: são elas com quem vamos atuar no futuro próximo. Esses são espaços também de intervenção nossa: são os filhos, irmãos, primos, a comunidade.

. Para nós, a lição que sai do Conselho, a partir das intervenções de Regina e Helena, é no sentido de se pensar as múltiplas juventudes. E a necessidade de auscultar melhor o que essas juventudes estão nos dizendo, para saber como fazer a nossa intervenção pedagógica. Se não fizermos essa “escuta sensível”, dificilmente vamos construir uma pedagogia mais qualitativa. Perceber e fazer a leitura das manifestações culturais que não conseguimos captar: se você não mantém a antena ligada, não vai captar.

. Nós trabalhamos muito com a categoria “trabalho”. E com as intervenções de Helena e Regina, nós abrimos um leque maior. Os jovens estão falando outra coisa. O que, para mim, é uma surpresa. Por mim, eu continuava só com trabalho, mas tem mais coisa, com tanto ou mais valor. Pelo menos, quando está se tratando de juventude. Temos que aprender a olhar para outras coisas além do trabalho.

No **Seminário de 2006**, o tema JUVENTUDES teve continuidade com uma pauta focada mais especificamente na questão

### **Metodologia de trabalho com as juventudes:**

1. Metodologias que favorecem os jovens se constituírem em grupos de trabalho
2. Juventude e educação profissional
3. Como trabalhar com jovens em situação de alta vulnerabilidade social?

### Resumindo as discussões:

- A primeira estratégia que educa é a AFETIVIDADE, conhecer o jovem e a sua realidade, suas características
- Criar regras coletivamente – estabelecer juntos os limites; garantir espaços de deliberação

- Relação aberta – escutar suas demandas, ouvi-lo, criar a CONFIANÇA e o diálogo
  - criar um objetivo e uma identidade do grupo
- Pensar a juventude é pensar o sonho e o desejo
- Superar o individualismo, fortalecer a solidariedade
- Autogestão
- O jovem é concreto, gosta do imediato
  - Temos que captar a vivência e as experiências
  - Construir as atividades juntos, com e para o jovem
  - Diversificar as atividades práticas e teóricas.
  - As atividades participativas e lúdicas fortalecem o grupo.
  - Balancear o que o mercado de trabalho exige e o que NÓS somos
  - Promover trabalhos manuais.
- Por exemplo, tem a história do boné: o menino que não queria tirar o boné. Iniciou e terminou o curso com o boné na cabeça. Um, boné não é que interfere. Você até pergunta se, na hora do lanche, ele não tira o boné. Aí é que entra a escuta sensível; saber o que é que tem por trás: é importante escutar e conhecer isso.
- No CPA teve o caso do rapaz que, todo dia, estava com o boné. A educadora abordou isso de forma educativa até descobrir que era porque ele tinha vergonha do cabelo, da negritude. Aí, foram trabalhando com ele e, hoje, ele é uma referência do movimento negro. Agora, deixou o cabelo crescer, fez trança e assumiu sua identidade. Nesse caso, é como dizem “cabelo ruim”, além de outros motivos.
- Então temos que fazer a valorização do símbolo, do boné e de todos os signos que a juventude carrega, especialmente a cultura que ele carrega. A nós cabe compreender o que significam. É importante olhar e saber o *que* significa isso e *por que* isso, e discutir com ele, na perspectiva de maior compreensão do ser.
- No ensaio do coral, a professora virou para o menino e disse: “você vai cortar o cabelo, não é? Não vá me aparecer aqui de black power!” Pois o menino não foi cantar nem apareceu mais lá. É uma questão de formação da educadora: que nem a professora de biologia que diz que cortar cabelo é sinal de higiene. Ora, sinal de higiene que eu saiba é cabelo lavado. Mas, em geral, é essa a realidade de nosso educador. Não é que não se deva questionar: tudo deve ser problematizado. A questão é: o quê, como. O mesmo acontece com a tatuagem; logo se diz que não vai arrumar emprego...
- Não trabalhar estereotipando o jovem. Isto é: como podemos valorizar a cultura e a “riqueza” que o jovem (a população) de alta vulnerabilidade social traz?
- A instituição deve definir uma faixa de vulnerabilidade com a qual pode trabalhar, e ter clareza que o que extrapola esta faixa não teremos capacidade de atender. O que temos a fazer, no caso, é encaminhar para outros atores sociais.
- Temos que pensar que o Jovem é Jovem, indiferente se está ou não vulnerável; então não podemos ser assistencialistas. O importante é promover a sua participação e o seu protagonismo. Podemos apontar possibilidades, mas “ele” deve buscar a melhor solução.
- As formas de solidariedade de classe do passado estão se quebrando. A juventude está se organizando de outra forma.
- A situação é confusa. É muito picadinho para se juntar no quebra cabeça. Na questão do símbolo, a circunstância que a juventude e a adolescência vive faz com que ele tenha suas

referências no grupo. Nós também passamos por isso: para eles, a referência não é o pai nem a mãe nem a família. A referência é o grupo, a tribo. De fato são tribos – não é pejorativo. É o seu agrupamento que tem suas próprias regras. As regras que estão aí no comum da sociedade, eles renegam: ou porque ainda não descobriram ou porque não aceitam. Então, os símbolos têm origem aí.

- Outra coisa, é que devemos ser mais ousados para transformar a história: mas com responsabilidade ética e política em relação ao que estamos fazendo com a juventude. Temos que arriscar ir além dos cursos de mecânica e elétrica. Muitas vezes eles chegam para fazer o curso de mecânica: porque meu pai disse que é legal. Mas será que é isso mesmo o que ele quer?
- Para nós, muitas vezes a carteira assinada é tudo, mas ele diz: eu não quero! Ou então, a menina aparece e diz: profa., estou grávida (com os olhos brilhando); estou feliz!. Para a gente, é o fim do mundo; a gente fica arrepiada... E elas curtem pra caramba. Muitas vezes nem sabem quem é o pai... São coisas que nos desafiam. Será que a solução está tão dada assim? Afinal, que juventude é essa?
- Olhando agora pelo lado da escola formal da rede pública - a escola do ensino fundamental e médio, que é onde estão os jovens. Sem dúvida, ela apresenta problemas sim. O ensino médio pode ter alguma preocupação com o trabalho, mas o ensino fundamental não tem nenhuma preocupação com o trabalho. A formação pode não ser adequada, de qualidade. E certamente não é. Mas o fato de não ser bom será sinal de que é para se jogar fora? O receio é de que se jogue fora a criança junto com a água suja.

Não podemos ser um movimento paralelo. Muitos conteúdos escolares são pré-requisitos para os nossos programas. Temos a exigência de que eles estejam na escola. Mas qual a interface de nossos projetos com a escola? Qual a relação entre as nossas escolas e as escolas da rede pública?

O nosso compromisso com o jovem é só no período em que ele está com a gente? Ou em sua vida, nas diferentes esferas de sua história? A luta por uma educação pública de qualidade é uma conquista histórica. Não podemos estar entregando isso de barato. E qual é o movimento que fazemos para isso? Nosso compromisso é só com a participação dele no nosso espaço? Senão, a gente fica só entre amigos e não os prepara para o enfrentamento.

- Qual é a hora em que um jovem deve começar a trabalhar? Com que idade? Os 16 anos... em que medida é salutar ou é perverso? Até porque, do ponto de vista do mercado de trabalho, acaba sendo uma acomodação. Sabemos que infância e adolescência são construções históricas. Mas até que ponto isso se mantém hoje? Não será só pela repetição? Então, qual o movimento que se tem que fazer para que o jovem consiga se construir e se sustentar?

No **Seminário de 2007**, o tema das Juventudes passou por diversos momentos.

A introdução foi feita por um jovem: **Jéferson**.

Ele inicia sua fala explicando porque, do nome Jéferson, passou a adotar o de Banto, como sinal do orgulho de suas origens, de sua “raça” que alguns chamam de etnia. Atitude que foi construída a partir de sua participação no CPA, onde pôde ver que é no coletivo, em suas relações, que cada um se constrói. Se seguisse sozinho, como o sistema dominante quer fazer com cada um de nós, seguiria sendo aquele Jéferson intimidado e calado no seu canto, com vergonha de seu cabelo, de seu nariz, com vergonha de ser negro. Foi com

o filme Um Grito de Liberdade que resolveu mudar de atitude, até de nome, se assumir e mostrar seu orgulho por ser negro.

Muito se fala sobre juventude, mas temos que ver de que juventude estamos falando, dentro de seu recorte de classe. Dentro desse recorte, podemos ter vários interesses: tem o pessoal do Hip Hop, os que se ligam mais no Rock, os da Axé Music. Mas todos esses são uma só juventude, dentro de um só interesse de classe. A gente que vive na periferia conhece muito bem qual é o anseio dos jovens.

O que temos que ver é a contradição dessas escolas de trabalhadores, que trabalham com cursos profissionalizantes quando, de fato, não existe oportunidade de emprego. Então, até quando vão ficar somente formando mão de obra para o mercado? Temos que perguntar: o que essa juventude quer? O que vamos fazer com essa juventude?

E se nossa perspectiva é a de mudar o mundo, é aquela da transformação, uma coisa que temos aprendido é que não adianta nada ficar só culpando o opressor: antes de tudo, nós temos que mudar é a nós mesmos.

Falou também o **Pedro**, jovem do **MST**, convidado a participar do seminário:

“Apenas vim trazer alguns elementos a partir do que a gente vem fazendo, como Via Campesina e como MST, dentro desse debate sobre juventude. Temos participado das discussões para a 1ª Conferência da Juventude, da audiência na Câmara, etc. E esse é um debate que vem pipocando ultimamente.

Dentro do movimento, venho puxando o debate sobre políticas públicas e juventude; são muitas as posições e, aos poucos, nós vamos aprendendo a como lidar com isso.

A primeira pergunta que se faz: o que é juventude? E vão aparecer muitas respostas. Logo alguém vai dizer que é um estado de espírito. Para outros, é estar dentro de uma certa faixa etária. E outros vão dizer que a juventude é naturalmente rebelde, por isso o debate. Mas juventude não é somente aquela rebelde. Tem juventude que não faz luta nenhuma.

Um outro vai dizer que juventude é problema porque está associada a droga e ao crime: porque “cabeça vazia é morada do diabo”, daí ser problema...

E nós vamos defender qual dessas idéias? Aí, para poder ir entendendo, temos que fazer uma outra pergunta. Por que se diz que a juventude é estratégica? Muita gente diz que é porque esse é o período da história – até 2015 – que mais vai ter jovens no mundo, então, tem que fazer alguma coisa agora. Já outros vão dizer que a juventude é estratégica porque nesse mundo neoliberal é ela a que mais sofre o desemprego e a violência.

E tem a questão do campo: a juventude é quem mais está sem emprego e, por isso, tem que sair do campo. Mas será que só a juventude que está desempregada é que quer sair do campo? Ou a gente tem que ver é como está o agro-negócio, a invasão da cana e o trabalho aí, hoje, como se dá? O que temos é um trabalho precário ao extremo. Até trabalho escravo não tem voltado? O capital é que vai ligando tudo isso: o mais avançado e o mais atrasado.

Podemos olhar por um outro lado. Tem uma pesquisa feita com jovens que fala que 92% deles, acham que a vida vai melhorar.

Na verdade, o jovem é o problema e ele mesmo é a solução”.

O debate do tema **juventudes** propriamente dito deu-se em grupos, a partir de questões formuladas após a apresentação atualizada de cada escola. Um apanhado dos resultados dos grupos:

. Saber ouvir, dialogar, pensar juntos no que vamos fazer, para, só depois, propor alguma coisa.

. Você tem o jovem do seu lado quando conseguir trabalhar com ele o lado afetivo, a afetividade. Se não conseguir fazer essa leitura, não consegue.

A confiança está ligada à questão da afetividade, à dificuldade do jovem se abrir. Você só se abre para alguém se tem confiança.

. Na formação política fazemos o Memorial: cada um conta sua história de vida. Aí a pessoa vê que seu problema nem é tão grande. Percebe que são todos iguais. Emociona. E você consegue saber mais sobre eles.

Esse deve ser um dos caminhos: a relação de afetividade. Na vida diária, eles têm necessidade dessa relação, ser afetivo com eles. Tem casos de arrepiar. Como o do instrutor que externou, num boteco: “gosto de tu” e o jovem se abriu a partir daí, tamanha a carência de se sentir companheiro.

. O jovem chega todo armado. E a gente joga a desmistificação do conhecimento. Daí, a metodologia vai se desenvolvendo, desde os primeiros contatos, desde os primeiros dias. Daí se sabe melhor com que turma você está lidando e a partir daí é que se conversa a mudança de perspectiva e a luta de classes. Sem essa relação mais afetiva, eles não se abrem nem para o social.

. Temos que desenvolver uma real cumplicidade juvenil. Sobre os símbolos, falamos da necessidade de se respeitar essa forma de ser, essa identidade que se mostra nas roupas, no boné, etc.

E temos que prestar atenção não apenas nas lutas que fazemos, mas temos que conhecer também as experiências das lutas deles mesmos.

. Uma questão que não se pode perder de vista é a questão da sensibilidade. Saber ouvir primeiro. Depois, dialogar. E só depois, programar o que vamos fazer. É a escuta sensível.

Em geral, todos os educadores ficam procurando uma forma de atingir os jovens. Acontece que, com o jovem, a dificuldade é ir direto ao ponto, é querer logo saber qual é o problema dele. Para atingir o jovem, tem que observar muito. E ir notando o que é que ele traz escondido por trás daquela máscara.

. Não adianta nada um trabalho de um ano e, depois, acabou: entra outra turma. Não adianta nada se não tem acompanhamento. Senão os jovens se sentem usados. “Eles utilizaram o que queriam de nós e, agora, não tem mais continuidade...”

. O bom trabalho só começa é depois da entrega do certificado. O aluno que já ganhou o certificado não gosta de ser chamado de “ex”.

. É muito importante a relação de confiança. O trabalho só começa a rolar quando se estabelece relação de confiança. Sem relação de confiança os gargalos não aparecem. É preciso observar e respeitar os desejos dos jovens. Buscar e achar o problema e tentar resolver. Não desprezar: ‘ah! Isso é coisa de adolescente’... Não é bem assim. Tem que aprender a ouvir.